

CIVILIZAÇÃO NEGRA DA DIÁSPORA

Maryse Condé¹

Tradução: Viviane Araújo Alves da Costa Pereira²

Toda a história das Antilhas se situa sob o signo da dependência. O povo antilhano é um dos únicos que não escolheu o lugar de sua residência, mas a quem este foi imposto. Ele não apareceu nas diversas ilhas do Caribe, sob a condução de chefes, à procura de condições de vida melhores, de terras mais férteis, de caça mais abundante. Ele foi levado para lá a bordo dos navios negreiros. Chegando ao destino, não teve a liberdade de organizar seu universo. Foi submetido à cana de açúcar, ela mesma ironicamente objeto de importação, que delimitou o espaço deixado à cultura de viveres no seio de um sistema de produção bem definido. Os cantos da época nos lembram.

*É uma bela planta que brota
No clima opressor das Índias Ocidentais
Que faz, infelizmente, a desgraça do homem negro
E que também faz o crime do homem branco³*

Sua personalidade foi orientada para direções precisas. O escravo batizado não recebia nenhuma instrução, não aprendia nem a ler, nem a escrever, mas era autorizado a cantar e a dançar aos sábados e domingos, longe do Senhor cujo repouso não podia perturbar. Jean Fouchard o diz bem: “Ao escravo saído da linha de produção, o senhor dava uma serra, um violão, um pincel, um bandolim. Mas ele continuava proibido de ter um silabário⁴”. Não há nem suas preferências alimentares que não sejam o resultado de um hábito imposto. Esse “prato de porco com ou sem banana verde”, que ainda é o favorito e reina nas refeições de Natal, foi o Código Negro que obrigou a dar aos escravos “duas libras por semana, ou três libras de peixe com farinha de mandioca ou três cassavas”.

Essa dependência constitui uma herança pesada, sobretudo quando se sabe que o sistema de produção e a relação de forças presente nas Antilhas quase não mudaram a despeito da evolução de seu estatuto político.

Há várias gerações, esse povo dependente está à procura de sua identidade. Ainda desta vez, os termos dessa identidade lhe são ditados. Pesquisadores, eles próprios europeus, se esforçaram para avaliar em que medida o povo antilhano tinha “permanecido” africano. Ou “se tornado” europeu. Colocaram assim um postulado de base que não se cogita questionar. O título da obra de Michel Leiris, *Contacts de Civilisation en Guadeloupe et en Martinique*, é revelador. O mundo antilhano seria aquele em que as civilizações se cotejam, em um mosaico de elementos tão distintos, ainda que, no fim das contas, ele seduza. Pois fala-se muito de sedução das Antilhas.

¹ As notas de rodapé constam do texto original, exceto por aquela indicada por NT (nota da tradutora).

² Professora de Literatura Francesa e Francófona na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutorado em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo (USP).

³ Amélie OPIE, *The Black Man's Lament*.

⁴ Jean FOUCHARD, *les Marrons du syllabaire*, Editions Deschamps, 1953.

Retomando para si esse postulado de base, África versus Europa, o antilhano diz para si mesmo que é preciso escolher. E o que escolher? Pois este postulado foi carregado de um significado político. Aquele que der predominância aos elementos vindos da África será qualificado como progressista. Reivindicando, de acordo com a expressão consagrada, sua herança africana, opor-se-ia ao assimilacionista, defensor dos valores europeus e, por isso, desprezível. Permitam-nos dizer que as coisas não são tão simples assim. Este postulado de base, África versus Europa, é na verdade um postulado racista herdado dos primeiros tempos coloniais e que retoma outro, Selvageria versus Civilização. Os europeus dos séculos XVII e XVIII, em sua visão parcial e seu conhecimento equivocado sobre o homem negro da África, fizeram deste um selvagem e, trazendo-o para as Américas, pretendiam levá-lo também à Civilização. Isso já foi muito repetido e não pretendemos voltar a esse ponto, os espíritos da época estavam convencidos de que o negro nas Antilhas era mais afortunado do que em seu antigo habitat, pois lhe era dada a possibilidade de aceder ao estatuto de Homem. Michèle Duchet, citando Raymond, lembra em sua *Anthropologie et histoire au Siècle des Lumières*: “Os negros se aproximam mais da condição de homens racionais tornando-se nossos trabalhadores do que permanecendo em seu país submetidos a todos os excessos dos roubos e da ferocidade”. Os espíritos da época não vislumbravam que o selvagem da África que, em liberdade, em seu continente de origem, nada tinha criado de valor, pudesse produzir qualquer forma de cultura quando transplantado para o Caribe. Assim, não lhe restava outra escolha a não ser esquecer seu eu precedente para nascer no seio do Novo Mundo.

O mal-estar que o antilhano sente vem precisamente da falsidade dessa proposição retomada sem discussão do postulado inicial e que o aprisiona em uma armadilha. Se o conhecimento que se tem hoje das civilizações africanas reduz a nada as antigas mentiras, não se reflete o bastante que, colocado em condições novas e radicalmente diferentes, o homem negro não se limite a repetir o que ele já sabia como a fábula que se repete desde a Antiguidade, mas que ele criou uma nova forma de civilização. Porque o próprio do homem é criar, criar destruindo, esquecendo, remodelando. Em síntese, convém recusar esse postulado de base em torno do qual gira a identidade antilhana. A Europa e a África não se cotejam nas Antilhas. O homem negro, ao mesmo tempo plástico e dinâmico, depois de ter criado civilizações no continente africano, edificou uma nova nas ilhas. O primeiro asiento do muito católico Rei da Espanha autorizando a importação de um pequeno número de negros nas Antilhas anunciava o nascimento de um mundo, o mundo antilhano que só se define em referência a si próprio. Que é.

O que importa, portanto, é fazer o inventário desse mundo. E voltamos ao que colocamos anteriormente, a dependência, pois este é o fator chave da identidade antilhana.

A CIVILIZAÇÃO DO BOÇAL⁵

Não voltaremos à descrição do boçal. Ela já foi feita. Sua silhueta é conhecida. Seu senhor deve lhe fornecer “por ano, a cada um, duas vestimentas de tecido, ou quatro alnas de tecido. Ele trabalha no campo do nascer ao pôr do sol com um intervalo de meio-dia a uma e meia ou duas horas. Se tiver sorte, é admitido na casa do senhor. Ele pode se tornar depois escravo de talento⁶. Ainda mais sortudo, pode se tornar

⁵ Daremos aqui às palavras boçal e crioulo uma acepção mais ampla do que a que é geralmente admitida. O boçal, para nós, não é apenas o escravo recém desembarcado da África, mas aquele que evolui em um universo escravagista.

⁶ Esclave à talents: escravo instruído levado para dentro da casa do senhor. (NT)

alforriado. Essa alforria, no entanto, ainda que reduza os terríveis castigos corporais, é, em larga medida, um engodo. Pois a terra continua pertencendo ao senhor, o alforriado aluga sua força de trabalho a este. Como dissemos, o boçal é autorizado a se agrupar com seus companheiros e é então que se cria uma literatura oral que circula de plantação em plantação, até mesmo de ilha em ilha.

É preciso primeiro assinalar que não se encontra nas Antilhas nenhuma memória da literatura séria dos africanos. Nenhum mito de origem, nenhuma genealogia de herói ou de reis semi-legendários. E isso por razões muito evidentes. Primeiro, essa literatura era o apanágio dos iniciados, dos altos dignitários da Corte, dos padres ou dos griôs que, certamente, poderiam cair nas mãos dos traficantes europeus, mas em proporção menor. Em seguida, ligada estreitamente a realidades étnicas ou políticas, ela não poderia encontrar uma audiência homogênea em ilhas onde o Fon cotejava o Bambara ou o Moudongue na mesma miséria. Como se sabe, a tribo é destruída nas Antilhas. As únicas formas de literatura existentes são, portanto, inspiradas em adivinhações, provérbios e contos africanos, ou seja, aquilo que chamamos de literatura popular ou profana. Toda uma escola de pesquisadores se extasia com a presença desse material oral nas ilhas, aponta maravilhada a permanência da Lebre que se tornou o Compè Lapin, de Ananse a Aranha... mais importante do que esta presença física, parece-nos necessário saber quais funções desempenham os provérbios e contos nas ilhas. Não poderíamos fazer aqui um estudo detalhado da literatura oral das Antilhas. Mas insistimos sobre alguns pontos.

Primeiro, essa literatura é em crioulo. Elodie Jourdain, em uma tese publicada em 1956, e que – infelizmente! – ainda permanece (*“Du français aux parlers créoles”*), escreve: “Pode-se acreditar que este instrumento (o crioulo) cômodo e suave tinha saído de restos do francês, instrumento muito delicado nas mãos inábeis de grandes crianças negras”. Desenvolvendo seu pensamento, ela continua: “Pode-se dizer que, espelho fiel das almas que expressa, o crioulo tem as qualidades e os defeitos dessas populações de cor que se desenvolveram nas colônias sob a égide da França: populações refinadas pelo contato com os Brancos, mas preservando ainda ingenuidades e grosserias devidas sobretudo à sua antiga condição social”.

Em sua maioria, os antilhanos, ainda que ligados à língua crioula, durante muito tempo a sentiram como um elemento de folclore, feito para as brincadeiras e as canções paródicas. Foi preciso esperar até anos recentes para que se desenvolvesse um movimento profundo de reabilitação do crioulo. Dany Gissler, em *Langue, Enseignement, Colonisation*, estuda as relações de força e de sentido entre o crioulo e o francês. Ela afirma: “A linguagem é apenas uma dimensão da dominação econômica, política, social, cultural francesa”. A relação folclorizada que o antilhano teve durante muito tempo com a sua língua é um espelhamento da relação que ele tinha com todo o seu eu, visto pela referência ao modelo do colonizador. É preciso dizer: um estudo da literatura oral das Antilhas é um estudo da alienação dos antilhanos.

Diferente das civilizações africanas que visam a integrar o indivíduo em uma sociedade harmoniosa, a reduzir os conflitos e a neutralizar as tensões, a civilização do boçal liberta o individualismo; faz da “malandragem”, do egoísmo, uma lei; da agressividade, uma regra. É que o mundo onde evolui o boçal é um mundo sem piedade, onde o indivíduo, para escapar do inferno do trabalho forçado, dos suplícios corporais e do desespero, deve utilizar todos os meios ao seu dispor, sem escrúpulos, sem remorso. O Respeito aos Antigos, pedra de toque das civilizações africanas, vira pó. Pois o Antigo é um Vencido. É aquele que não soube se opor à técnica do Senhor; e, em uma nova hierarquia, a criança nascida na ilha, e por isso mais afeita

aos modos em vigor, ultrapassará o escravo mais velho que não sabe se adaptar ao novo modo de vida. Da mesma maneira, o boçal será levado a se ver com o olhar do outro. Ele se verá preguiçoso, falastrão, hipócrita, covarde, perdulário... Pois o Senhor todo-poderoso o vê assim. Os provérbios são numerosos a ilustrar esse estereótipo. Os contos os substituem.

É preciso sublinhar a natureza particular da relação público/herói do conto antilhano. No conto africano, a identificação com o herói animal não é total. A aranha, em particular, que está no centro dos chamados contos da floresta, é apresentada como um animal que não convém de maneira alguma imitar. Dadié escreve: “Ekédéba⁷ é um ser cheio de vícios dos quais a malícia e a perfídia são os menores”. Sem entrar nas classificações já muito conhecidas do herói positivo e do herói negativo, digamos apenas que a identificação com o herói não é uniformemente reivindicada. Leulk a Lebre, em relação ao qual alguns contadores são mais indulgentes, se encontra com frequência em situações em que está coberto de vergonha ou de ridículo.

Nos contos antilhanos, como nos que compõem o que se chama de Ciclo de Ti-Jean (Joãozinho) ou o Ciclo do Compè Lapin, o modelo proposto é o herói, Ti-Jean ou Lapin, que possui as qualidades pregadas pelos provérbios. “Malandragem”, egoísmo, dissimulação, paciência. Quer dizer que contos e provérbios perderam todo o valor pedagógico nas Antilhas? Ao contrário. Trata-se de uma pedagogia autêntica. A pedagogia da sobrevivência em uma sociedade do salve-se quem puder. Cada civilização forja para si as armas que lhes convêm. O problema do boçal é sobreviver em um mundo dominado pela força, pela produtividade, onde o fraco é eliminado sem piedade. A menos que se aquilombe, que fuja para as montanhas, ele deve se proteger o melhor que puder diante de uma realidade cotidiana implacável.

Paralelamente aos provérbios e aos contos, canções circulam. Não conhecemos muito das canções de escravos. A *biguine* já é o resultado de uma adaptação, imposta pelo senhor, de certas danças europeias “mais corretas” que aquelas vindas da África, e é, portanto, o produto de uma coerção. Quer dizer que ela se inscreve na lógica de um sistema castrador. Parece, no entanto, que uma forma musical, a *gros-ka*, tenha sido uma das formas mais autênticas dessa época. É preciso ir buscá-la no mais profundo dos campos, pois foi lá que ela se refugiou. Seria ingenuidade se espantar com o conteúdo negativo da civilização do boçal, quer dizer, com os estereótipos que os contos e os provérbios veiculam. “Um negro é um ciclone ou um terremoto”, diz o provérbio. Entenda aí tudo o que há de perigoso e de ruim. Ou ainda: “fazer o bem a um negro é bater no bom Deus”...

Teria sido um milagre o boçal produzir outra coisa que aquilo que produziu. Agredido em todos os recônditos de seu ser, penetrado pelo ódio de sua cor, mantido na ignorância, o boçal, como escreve ainda Dany Gissler, “interioriza que ele só pode ser aquilo que o Senhor quer que ele seja...”. O boçal é, portanto, também criação do senhor, e a civilização lúdica daquele é o avesso da sua, tecnicista e dominadora.

A CIVILIZAÇÃO DO CRIOULO⁸

As revoltas de escravos, ainda que conscienciosamente silenciadas, junto com as revoluções industrial e econômica e com o clamor antiescravagista, conduzem à abolição da escravidão.

⁷ Nome dado à Aranha.

⁸ Da mesma maneira, o crioulo é o antilhano libertado da escravidão.

Nós o dissemos, essa abolição não significa o fim do regime de plantações açucareiras. O trabalho assalariado quase não difere do trabalho servil e o escravo recém-alforriado sabe bem. Desde então, o processo de escravização, logo, de alienação, vai ganhar uma forma nova. O crioulo que não está mais confinado a tarefas grosseiras e subalternas deve se mostrar digno da liberdade que lhe foi dada. Insistimos nessa última palavra. A liberdade foi dada ao crioulo. Ele não a conquistou. Ele não saberia conquistá-la.

Jean Raspail, que lamentamos ter que citar, finge se espantar com a proliferação de ruas, bibliotecas, museus, praças e escolas com o nome de Schoelcher e exclama: “Se eu fosse negro e antilhano, esses Schoelcher abusivos me esquentariam o sangue. À força de me ouvir repetir, a cada menção ao nome de Schoelcher, que meu avô era apenas um escravo, ou que minha avó, se eu fosse mulato, servia o branco em sua cama e voltava para dormir junto dos escravos, eu acabaria por detestar talvez o neto do Branco”⁹.

Devemos dizer que, o que quer que pense Jean Raspail, ele não compreendeu nada? Na verdade, é importante que o crioulo não esqueça nem por um instante que ele deve sua liberdade à vontade do Senhor, impenetrável como Deus, que da noite pro dia fez do escravo um Homem Livre à sua imagem. E que este dom inesperado do Senhor, e imerecido, é preciso merecê-lo. É importante provar, então, que essa qualidade de Homem, liberalmente garantida, não o foi por engano. Se as formas físicas da coerção serão abolidas, uma outra será criada, a Escola.

Um pedagogo antilhano, Gérard Lauriette, em uma obra exuberante, volumosa, às vezes, desajeitada, sempre generosa, chamada *De la rédaction à la dissertation et du régionalisme à l'universalisme – initiation à la vie intérieure*, coloca os problemas essenciais do ensino nas Antilhas. Este tem apenas um objetivo: formar cidadãos franceses, ou seja, dissimular a dependência. Pois entre irmãos, pode existir relação de dominantes e dominados?

Ao longo dos programas escolares, a única face que será apresentada e em primeiro plano é a da Mãe-Pátria generosa, cuja doutrina figura nas fachadas de todas as prefeituras.

Durante esse tempo, o que acontece com a literatura oral e, de forma mais geral, com a civilização do boçal? Ela entra nas sombras. Porque, a despeito dos estereótipos que veicula, ela existe em língua crioula e a língua crioula tornou-se a inimiga número um. Se o boçal podia se servir desse “jargão”, desse “dialeto”, o homem livre não pode mais. Ele deve utilizar a língua da Europa, e o crioulo não se priva disso. Pois ele sabe que possuir a língua do outro já é ser o outro. A abolição da escravidão não é acompanhada, portanto, de uma libertação no sentido verdadeiro. O estatuto de assimilação vem completá-la em 1946. E é com uma violência maior, ainda que silenciosa, que os modelos culturais em vigor há séculos e nunca questionados continuam a ser impostos ao antilhano.

Toda medalha, como sabemos, tem seu reverso. No sufocamento em que se encontra, o antilhano vai desesperadamente buscar uma saída. Ele sente que a assimilação é a morte do seu ser e a rejeita. Também, em sua recusa dos valores ocidentais e em sua impossibilidade de se referir à África, ele vai se apegar ao que acredita ser a expressão autêntica do seu ser, ou seja, ao que nós chamamos de civilização do boçal. Ele vai preferir a *gros-ka à biguine*. Os estudantes vão multiplicar as teses sobre o provérbio e o conto. Todo mundo vai querer falar crioulo. Se ele se limitar a isso, o antilhano corre sério risco de não ir muito longe. Essa

⁹ Jean Raspail, *Secouons le Cocotier*, Laffont, 1973.

civilização do boçal, cujos ouropéis ele deseja ostentar, não corresponde mais às exigências deste último quarto do século XX. O próprio camponês que ficou em seu vilarejo não pode mais ser identificado com o herói dos contos, Ti-Jean ou Compè Lapin. Pois o mundo rural conhece uma terrível mudança. Sob o pretexto de concentração, as usinas fecham. A cana de açúcar, companheira secular, inimiga, mas inimiga familiar, é atacada sem que no entanto novos laços sejam estabelecidos com a terra. As culturas de viveres, com a concorrência da Europa, perdem terreno. Os antilhanos migram aos milhares.

São esses migrantes que constituem o setor mais desfavorecido da sociedade antilhana. Pelo menos no plano espiritual. Para eles, diariamente confrontados com o mundo branco, industrializado, implacável, trata-se de uma verdadeira sobrevivência. Transplantado nesse universo radicalmente diferente, muito frequentemente hostil, o migrante vai elaborar um mito das Antilhas. Tomando emprestado, mais uma vez e à sua revelia, o olhar do outro, o migrante antilhano verá seu país de origem como aquele do Calor, do Sol, do Riso, da Liberdade. Agências de viagem cujos preços não lhe são acessíveis expõem nas vitrines as imagens desta terra da qual teve que se separar. Ele esquecerá o quanto ela foi ingrata com a sua vida, portadora de uma pequeno-burguesia parasitária preocupada em manter seus magros privilégios. Ela se tornará o Paraíso Perdido ao seio do qual ele merecerá voltar... assim que tiver feito as economias necessárias. A separação será sentida como uma maldição que vem ilustrar o que o provérbio clama desde o início dos tempos antilhanos: “O infortúnio é o irmão do negro”. E não como uma deposeição inaceitável. A despeito de algumas diferenças, o migrante e o não-migrante vão se juntar em uma mesma relação mentirosa com a sua realidade. O primeiro a poetiza. O segundo a folcloriza, ainda que negue. Pois torna-se folclore todo costume que não mergulhe suas raízes na vida, que não se justifica por ela. A civilização do boçal, adaptada às suas necessidades e às suas possibilidades, emerge hoje do folclore. O boçal criou. Mas nunca será demais repetir, sua criação não é o esboço do que o antilhano de amanhã pode ser. Ela é apenas a imagem daquilo que o obrigaram a ser.

Yolaine de Vassoigne, em um capítulo dedicado à “*Femme dans la société antillaise française*”¹⁰, aponta como a departamentalização é hoje questionada como um novo fenômeno se inicia nas ilhas: uma revolução cultural. Seria paradoxal que essa revolução cultural se limitasse a substituir o postulado África versus Europa pelo seguinte: Boçal *versus* Assimilado. Uma revolução cultural é mesmo possível enquanto não tivermos acesso aos mecanismos que fabricam artificialmente a personalidade antilhana? E, antes de tudo, ao aparelho pedagógico? Uma equipe de jovens pesquisadores elabora uma série de livros ilustrados que apresentarão às crianças antilhanas a verdadeira história de sua terra. O extermínio dos indígenas, o tráfico negreiro e a escravidão, apresentados não mais como fatos meio vergonhosos, de origem racial (conhecemos as divagações de Sartre: “Uma vez que é oprimido em sua raça e por causa dela”...), mas como a primeira fase de uma exploração cujos mecanismos posteriores serão desmontados. Eles propõem ampliar esse processo de desmistificação, desmascarar falsos heróis. Colocar em primeiro plano os verdadeiros. Os primeiros, braços, orelhas, pernas cortadas por ter tentado fugir. Os seguintes, supliciados. Delgrès. Os mortos das duas guerras. E mortos por quê?

*Quanto sangue na minha memória! Na minha memória estão as /
lagunas. Cobertas de cabeças de mortos. Não estão cobertas de /*

¹⁰ Em *La femme de couleur en Amérique Latine*, Anthropos, 1974.

*nenúfares. /
Na minha memória estão as lagoas. Sobre suas margens não /
estão estendidos panos de mulheres. /
Minha memória está rodeada de sangue. Minha memória tem /
seu cinturão de cadáveres.¹¹*

Com esses versos de Césaire, que os jovens pesquisadores escolheram como epígrafe de seu segundo volume, paramos a descrição do projeto. Quer dizer que eles visam desencadear um processo de tomada do poder no plano cultural. Ele conseguirá se acomodar com a manutenção da dependência que já indicamos?

Queremos mostrar sobretudo o impasse no qual, se não prestar atenção, o antilhano corre o risco de se encontrar. Não ter mais vergonha do boçal é um fato positivo. Por que ter vergonha da vítima de um sistema? Mas é preciso ter presente no espírito a ambiguidade de sua criação, de sua civilização. Ela certamente é a prova da sua vitalidade, mas de uma vitalidade canalizada em limites definidos e permitida por aquilo mesmo que ela apresentava de pouco perigoso. Na verdade, o boçal é o ancestral do assimilado, na medida em que ele aceita e interioriza as imagens impostas. O postulado “boçal versus assimilado” se revela uma armadilha impressionante.

A CIVILIZAÇÃO DO MARRON¹²

Seria do maior interesse poder estudar o funcionamento interno das sociedades marrons que se constituíram nas diversas ilhas. A ausência compreensível de documentos torna esse estudo aleatório e limitado a reconstituições, a descrições exteriores, ainda que preciosas, como as de Jean Fouchard em *Les Marrons de la Liberté*. Sabemos quais escravos marronavam e porquê, como se vestiam, como conseguiam comida. No caso das ilhas anglófonas maiores e, por isso mesmo, mais favoráveis à constituição de sociedades marrons, sabemos quais tratados foram assinados com os colonos e em que circunstâncias. Mas isso não é o essencial e nós continuamos ignorando qual “revolução cultural” *avant la lettre* se produzia quando o boçal, enfim liberto do embate com o Senhor e com a imagem de si mesmo que aquele lhe impunha, podia deixar desabrochar uma personalidade diferente. Estaríamos errados de acreditar que a existência perigosa das comunidades marrons, sobretudo nas ilhas pouco extensas como Guadalupe e Martinica, constituía um obstáculo. Pois, como disse Frantz Fanon, a cultura de um povo se forja na luta.

Nunca lamentamos o bastante a nossa ignorância, pois talvez seja no seio das sociedades marrons que se tenha revelado a primeira face autêntica do antilhano.

E aqui estamos hoje, desconhecidos de nós mesmos. O sucesso efêmero da Negritude de Césaire, a imprecisão da Antilhanidade de Glissant marcam nossa busca por uma identidade que não para de se dissimular. Esperemos que esta chegue ao seu fim e que os obstáculos sejam superados.

Referência

CONDÉ, Maryse. Civilisation noire de la Diaspora. *Présence africaine*, Paris, n. 94, v. 2, 1975, p. 184-194.

¹¹ Césaire, *Cahier d'un retour au pays natal*, Présence Africaine, 1956.

¹² O marron é o negro fugitivo.